



WILLIAM JAMES E OS ESTADOS ALTERADOS DA CONSCIÊNCIA

Ronney César F. Praciano

Mestre em filosofia pela Universidade Estadual do Ceará – UECE
ronneycesar90@hotmail.com

Resumo: Pretende-se com este artigo investigar os Estados Alterados de Consciência (EAC) conforme a abordagem que William James (1842-1910) desenvolve sobre certos eventos não ordinários da vida mental. Desse modo, dentre as variedades desses estados, analisar-se-ão as experiências cujas características são apontadas por James como próprias de um estado místico da consciência. Dado que o misticismo é pensado pelo filósofo americano de modo muito particular, pretende-se considerar o que James entende por este estado mental específico e quais são as qualidades próprias de tal experiência. As referências teóricas das quais nos valeremos aqui serão *A Suggestion About Mysticism* (1910) e *Subjective Effects of Nitrous Oxide* (1882), na medida em que esses textos nos apresentam uma variedade de experiências não ordinárias da consciência. Por fim, o artigo aponta para uma possível validade *noética* desses estados incomuns da mente, conforme o próprio William James os concebia. Trata-se mais de levantar questões e problemas do que de resolvê-los ou propor respostas definitivas a esses EAC.

Palavras-chave: Estados Alterados da Consciência. Misticismo. William James. Filosofia.

WILLIAM JAMES AND THE ALTERED STATES OF CONCIIOUSNESS

Abstract: *This article aims to consider the Altered States of Consciousness (ASC) according to the approach that William James (1842-1910) develops concerning certain non-ordinary events of mental life. Therefore, among the varieties of these states, this paper shall analyse the experiences whose characteristics are conceived by James as mystical states of consciousness. Since mysticism is thought by the American philosopher in a very particular way, the article intends to consider what James understands by this specific mental state and what are the proper qualities of this experience. The proposal is chiefly to investigate the articles *A Suggestion About Mysticism* (1910) and *Subjective Effects of Nitrous Oxide* (1882), as these texts present to us a variety of non-ordinary experiences of consciousness. Lastly, the paper indicates to a possible noetic validity of these uncommon states of mind, according to the very conception of William James about them. It is more important to raise questions and problems than solve them or to propose definite answers to these ASC.*

Keywords: *Altered States of Consciousness. Mysticism. William James. Philosophy.*

Introdução

As variedades e a ubiquidade dos Estados Alterados de Consciência (EAC)¹ na cultura humana parecem suficientes para indicar o valor que eles possivelmente possuem para toda e qualquer investigação sobre a mente ou a consciência humana. Parece patente que, tanto numa esfera comunitária ou social, quanto no próprio foro individual e íntimo, busca-se alterar ou modificar nossa forma ordinária de percepção da realidade. É como se um ser, supostamente alcançando um determinado estágio de consciência, tendesse gradualmente para um nível ainda mais elevado ou, para não hierarquizar e moralizar, ao menos, para uma esfera da vida mental que se diferencia significativamente do seu estado natural e ordinário. Tal estado não parece ser suficiente e o confinamento aos seus estreitos limites talvez compromettesse a própria saúde mental como um todo.

Pensamos que os EAC podem ser experiências de um valor ímpar para o conhecimento da consciência ou da vida mental em geral. No entanto, é sintomática e inquietante a ausência de atenção e importância dadas a essas experiências, tanto pelas ciências em geral, quanto (o que é ainda mais grave) pela Psicologia e Filosofia em particular. No caso da Filosofia, não só a emergência de novas questões epistemológicas e metafísicas poderiam ser problematizadas em decorrência de tais estados, mas, inclusive determinados objetos e problemas tradicionais poderiam também ser concebidos por meio dessa perspectiva.²

Em nosso artigo, pretendemos considerar os EAC baseados na abordagem que William James (1842-1910) desenvolve sobre certos eventos não ordinários da vida mental. Desse modo, dentre a variedade desses estados, analisaremos as experiências cujas características são apontadas por James como próprias de um estado *místico* da consciência, observando que o misticismo é pensado pelo filósofo americano de modo muito particular. Veremos o que James entende por esse estado mental específico, as qualidades inerentes à experiência assim concebida e algumas variedades de estados mentais incomuns que são interessantes ao pensador. Para isso, vamos nos apoiar em dois artigos escritos por James: *A Suggestion About Mysticism* (1910) e *Subjective Effects of Nitrous Oxide* (1882). A divisão do trabalho em duas partes corresponde ao tratamento desses dois textos principais. Não consideraremos *As Variedades da Experiência Religiosa* (1902) devido ao espaço restrito do artigo, mas não deixaremos de fazer referência a esta importante obra.

Desse modo, consideraremos os estados alterados que foram experienciados e concebidos por James e tentaremos apontar para características comuns entre eles, seguindo o fio condutor do estado místico da consciência, já que tais características consistem num requisito fundamental para postularmos o valor *noético* de tais experiências. Pensamos, assim, que os EAC podem ser fundamentais para o conhecimento da consciência, mais especificamente para o conhecimento filosófico.

¹ Embora essa terminologia não tenha sido formulada por William James, nós optamos por utilizá-la já que se trata de uma conceituação que se tornou canônica em relação aos estados não comuns da vida mental. Os EAC são definidos por Charles Tart como “uma alteração qualitativa no padrão global de funcionamento mental que o indivíduo sente ser radicalmente diferente do seu modo usual de funcionamento”. Ver TART (1975).

² Conferir um texto interessante sobre as propostas de estudos e a problematização de certos temas filosóficos a partir da alteração da consciência: WINDT, Jennifer. *Altered Consciousness in Philosophy*. Volume 1: History, Culture, and the Humanities. Santa Barbara, Denver & Oxford: Praeger. 2011, PP. 229-254.

1. Aspectos *místicos* da consciência: a região transmarginal da mente

Após a publicação em 1902 de *As Variedades da Experiência Religiosa*, ainda na primeira década do século XX, em 1910, James publica um artigo muito esclarecedor sobre o misticismo e outros EAC. Acerca dele assim se expressa Henri Bergson:

Quanto ao vosso artigo sobre o misticismo, ele será, estou certo, o ponto de partida de muitas observações e novas pesquisas [...] Como desejaria que prosseguísseis este estudo do valor *noético* dos estados anormais de pensamento! Vosso artigo, mais o que dissestes em *Varieties of Religious Experience*, nos abre grandes perspectivas nessa direção. (grifo nosso)³

É justamente o compartilhamento desse desejo de Bergson que nos motiva a considerar os EAC como experiências que podem vir a ser valiosas para o conhecimento filosófico. Com este espírito, consideremos então as perspectivas levantadas por James no referido artigo *A Suggestion About Mysticism*.⁴ Já no primeiro parágrafo, William James aponta para o crescente interesse dos estudiosos de seu tempo sobre o misticismo religioso, mas como um tema sempre tratado de uma perspectiva externa, ou seja, investigado por indivíduos que não tiveram propriamente uma experiência mística, portanto, baseados em relatos de terceiros. Se assim o é, James se sente igualmente legitimado, também como um *outsider*, a fornecer a sua sugestão sobre o fenômeno.

Desse modo, ele a anuncia de forma breve: “os estados místicos de intuição podem ser apenas extensões muito vastas e momentâneas do campo ordinário da consciência”.⁵ Acerca das causas de tal extensão, James não ousa conjecturá-las, restringindo a investigação apenas à extensão em si e ao seu significado. Assim, segue ele: “a extensão ela mesma consistiria, se minha visão está correta, em um imenso alargamento da margem do campo, de modo que o conhecimento ordinariamente transmarginal seria incluído, e a margem comum tornar-se-ia mais central”.⁶ Para tornar essa definição mais clara, James recorre a uma imagem que espelharia este processo. Ele se apropria do “esquema ondulatório” proposto por Fechner (*Fechner’s wave-scheme*).

Suponhamos que a consciência ordinária, a chamada consciência de vigília, consiste numa onda d’água que está acima de um limiar (*threshold*) usual, representando uma linha horizontal. Na medida em que esse limiar declina ou cede em todas as direções, ocorre um estado de coisas semelhante ao que vemos quando, na costa plana, o mar recua. Vários objetos antes ocultados pela água do mar se revelam à vista, embora se trate apenas de uma pequena extensão visível sobre a água, e que logo após é submersa novamente sempre que uma nova onda deságua sobre ela. Igualmente, quando o limiar da consciência cede momentaneamente, novos e insuspeitados elementos surgem à mente, consistindo numa verdadeira série de alterações psicológicas.

³BERGSON, Henri. *Cartas a William James*. Tradução de Franklin Leopoldo e Silva. Coleção Os Pensadores. Editora Abril Cultural. São Paulo, 1978.

⁴ JAMES, William. *A Suggestion About Mysticism*. *The Journal of Philosophy, Psychology and Scientific Methods*, v. 7, N. 4. (Feb. 17, 1910), pp. 85-92.

⁵*Ibid*, p. 85.

⁶*Ibid*.

Ora, nas pessoas cujo campo de consciência é muito estreito – o que é o caso da maioria de nós – essa experiência de um conteúdo subliminal ou transmarginal emergente pode ser de imensa significação. Na medida em que o campo se espraia, as sensações de descoberta e de poder mental são renovadoras.

Prosseguindo em sua hipótese sobre a intuição mística, James reforça sua consideração do que significa o campo da consciência. Este campo é composto, durante todo o tempo, de uma massa de sensações presentes envolvida em uma atmosfera de memórias, emoções, desejos, ideias etc. Mesmo que apliquemos nomes distintos a esses elementos, eles não se diferenciam, compondo assim um todo indistinguível. O campo da consciência forma uma espécie de unidade na qual memórias, conceitos, sentimentos, ideias, emoções, impulsos etc. interpenetram-se numa massa indiferenciada.

O campo consciente presente, em sua totalidade, não deixa de continuamente emergir da massa anterior e o campo que o sucederá resulta, em todos os momentos, do conjunto prévio das percepções atuais. Sob esta perspectiva, o que concebemos como passado, presente e futuro se mistura e possui igual realidade. O campo de consciência apresenta não só uma unidade – já que todos os seus momentos não consistem em elementos distintos e separados – mas, ao mesmo tempo, vemos que o seu presente está gradualmente em constante mudança. Trata-se de uma vida psicológica que consiste na junção, talvez inexplicável, entre indiferenciação e mutação em todos os seus instantes.

Porém, quando o limiar da consciência declina, o que vem à mente não é a próxima massa de sensações. Para que possam vir a ser, as sensações geralmente pressupõem novos estímulos físicos; pelo menos é assim que razoavelmente admitimos. Entretanto, uma alteração nas fronteiras do limiar da consciência não poderia, por si só, produzir novos estímulos físicos. Supondo que esses estímulos estivessem sendo preparados inconscientemente, ainda assim não faria sentido nesse caso, já que, ao falarmos de memórias, conceitos e emoções, referimo-nos a conteúdos mentais bem distintos das sensações. Para James, de fato não há como saber até onde estamos conscientes subliminarmente dessas percepções, ou até onde, para além da margem de nosso pensamento atual, pode existir uma consciência transmarginal deles. Torna-se, desse modo, difícil saber o que é central e o que é marginal na consciência. Ela não possui fronteiras bem definidas.

Baseado nesta hipótese de um limiar cuja constância relativa e, portanto, oscilatória permite que falemos de uma região transmarginal da mente, James expõe sua conjectura sobre o estado místico de consciência:

Minha hipótese é que um movimento declinante do limiar traria à vista similarmente, de uma só vez, uma massa de memórias, conceitos, sentimentos emotivos, percepções de relação etc. subconscientes; e se este alargamento da nuvem que rodeia a sensação presente é vasto o bastante, enquanto nenhum dos seus itens aí contidos atrai nossa atenção singularmente, nós teremos as condições satisfeitas para um tipo de consciência, em todos os aspectos essenciais, igual àquela denominada mística.⁷

Vê-se que a consideração da experiência mística se encontra restrita a um fenômeno que não é necessariamente revestido de significado religioso. Trata-se apenas de uma expansão ou dilatação do campo ordinário da vida mental

⁷A *Suggestion*, p. 86.

consciente. Se normalmente, ao perceber e pensar, acabamos por selecionar conteúdos particulares ou partes específicas de um objeto; em contrapartida, ao atingirmos um estado místico de consciência, a válvula redutora de nossa percepção acaba por ceder na medida em que declina a fronteira ou margem do campo de nossa consciência comum. Essa modificação permite uma alteração qualitativa na percepção dos conteúdos agora experienciados. Conteúdos originalmente subconscientes que são acompanhados por fortes sentimentos de realidade e conhecimento no sujeito da experiência.

A experiência de um EAC será significativamente mística por apresentar características tais como a *transitoriedade*, o que nos aponta o caráter momentâneo desses fenômenos. Além do mais, essa expansão é comumente tão brutal e instantânea que o pensamento discursivo nem sequer é capaz de acompanhá-la. Também se percebe um *sentido de realidade*, ou seja, a descoberta da existência daquilo que não suspeitávamos antes e de sua posterior autoridade sobre o indivíduo; o *alargamento* ou *expansão*, talvez resultante do comprometimento dos mecanismos redutores da experiência; a *iluminação* extática ou arrebatadora, sentida como uma força superior que nos envolve por todos os lados; a *sensação de unificação*, já que o presente, em cada um dos seus instantes, parece amalgamar-se com fatos remotos e inalcançados num estado comum de consciência; e uma consequente *sensação de relação* que é fortemente intensificada.⁸

Toda essa experiência de conhecimento e realidade possui uma forma intuitiva ou perceptual, não conceitual. Os seus fatos não atraem nossa atenção cada um por sua vez, separada e distintamente, mas, ao contrário, todos ao mesmo tempo, dando-nos uma sensação profunda de *totalidade*. Assim, torna-se um critério importante de distinção da experiência mística sabermos se seus conteúdos interessam à atenção discriminadamente ou se eles se impõem a ela como um todo. No primeiro caso, a forma da consciência já não será mística.

Tendo estabelecido essas características do estado místico de consciência, James passa a relatar alguns interessantes EAC que podem vir ou não a possuir a qualidade mística, mas que não deixam de ser, no mínimo, curiosos para o investigador. Essas experiências, ao contrário das místicas até agora tratadas, são relatadas em primeira pessoa. O próprio James as experienciou e procurou contemplá-las cognitivamente, inclusive extraindo algumas hipóteses não só para a ciência mental, no caso, a psicoterapia e psiquiatria, mas também formulando conjecturas com possíveis implicações filosóficas. O fator relevante dessas experiências consiste em que foi por meio delas que William James formulou a noção que tratamos até aqui de campo de consciência. Desse modo, ele concebe que tais EAC são “expansões muito momentâneas e incompreensíveis do campo consciente, trazendo com elas um curioso sentido de cognição do fato real”.⁹

Em uma dessas experiências, James relata um tipo incomum de reminiscência que assaltou sua consciência de vigília, com características bem semelhantes às dos estados místicos. Ele nos relata que estava em uma conversa com uma pessoa e desconfiava se ela acompanhava sua abstração. Aconteceu então que, de uma só vez, toda uma vasta experiência passada despontou em sua mente. Era um processo tão rápido e progressivo, indo de profundidade em profundidade, desenvolvendo-se em distâncias cada vez mais longas, que o intelecto ou a linguagem não puderam nem sequer acompanhar a velocidade.

⁸ *Ibid*, p. 87.

⁹ *Ibid*.

Depois, tudo abruptamente findou em poucos minutos. “O modo de consciência era perceptual e não conceitual – o campo se expandindo tão rápido que parecia não haver tempo para a concepção ou identificação trabalharem”.¹⁰

Nesse caso, houve uma profunda sensação de um conhecimento da experiência passada (presente?), expandindo-se passo a passo de modo significativo, como se uma janela para a realidade do passado houvesse sido aberta. Trata-se de uma experiência que exerceu sua autoridade durante toda a vida posterior de James. Esta convicção de uma reminiscência foi para ele, em vários aspectos, semelhante àquela mística. Havia também a sensação de um fato revelado, de uma forma perceptual ou intuitiva da experiência e da posterior inabilidade de fazer um relato articulado. Parece que a realidade foi de algum modo descoberta ou revelada (*Uncovering*), como se a essência de um fenômeno (nesse caso o passado) se mostrasse ao sujeito. Este desvelamento tem sido descrito mediante a metáfora ondulatória de Fechner (*Fechnerian wave-metaphor*) cuja expressão é denotada pela “queda do limiar” (*fall of the threshold*).

Outra estranha experiência de grande impacto sobre James se relaciona com os sonhos. Ele descreve ter tido conhecimento de sonhos distintos, embora de modo algum possa relacioná-los com ele próprio. Ele nos diz que se trata da experiência mais intensa que já teve em toda a sua vida.¹¹ Devido aos limites do artigo, não há como descrever os sonhos em seus detalhes, apenas apontaremos para as características gerais mais curiosas dessas experiências oníricas. Ao acordar de um sonho de certo tipo em determinada hora, subitamente outros sonhos emergiram, como se surgissem do interior do próprio sonho prévio. Porém, embora a relação entre eles fosse observada, pareciam reminiscências de um sonho de tipo inteiramente diferente e, curiosamente, sua origem permanecia velada à consciência. Eram ao todo três sonhos, cujos conteúdos não tinham absolutamente nenhuma conexão, mas que se amalgamavam uns nos outros.

Cada um desses sonhos tinha uma atmosfera emotiva completamente distinta, o que já era suficiente para concebê-los separadamente. Era como se eles alternadamente se comprimissem uns nos outros, na medida em que surgiam e se imiscuíam entre si. Em meio ao estado de pavor e relativa desordem, James conjectura: “*Estou entrando nos sonhos de outras pessoas? Seria isto uma experiência ‘telepática’? Ou uma invasão de dupla personalidade?*”¹² Na medida em que a força e a intensidade da experiência aumentavam, havia ainda a sensação desestabilizadora de que o eu (*self*) estava se perdendo. Era como se, em meio aos sonhos interpostos, não mais houvesse um centro comum e estável que servisse de referência a eles. Havia assim a total difusão de um centro. Era uma sensação de perda de si, na qual todos os referenciais se esvaem.

Por fim, assumindo uma postura mais plausível para uma *anima rationalis*, James estipula a hipótese de que os estados de sonho podem trazer consigo memórias de outros sonhos. Como se, de um modo ainda ignorado pela consciência, pudéssemos, em certas circunstâncias, drenar estratos de experiências oníricas passadas. Parece, portanto, que os sonhos poderiam ter reminiscências de outros sonhos.¹³ Baseado na força desta experiência, James ainda considera quatro

¹⁰ *Ibid.*

¹¹ *Ibid.*, p. 88.

¹² *Ibid.*, p. 89.

¹³ É digno de curiosidade notar o interesse crescente de filósofos, psicólogos e escritores do final do século XIX e começo do XX sobre o estado onírico. Os sonhos revelavam-se como um grande manancial de possibilidades teóricas para a compreensão do espírito humano. Dentre esses autores,

hipóteses gerais que poderiam ser de valor para a consideração das doenças mentais e de certos casos anômalos.

Em linhas bem grosseiras, as hipóteses que James postulou para esta experiência são: 1) certos distúrbios mentais podem ser prenunciados em estados de sonho, conferindo ao conhecimento destes uma possível utilidade. Tal hipótese era mantida por alguns psicologistas e ganhava cada vez mais espaço na comunidade científica; 2) no caso da experiência de James, houve provavelmente uma declinação temporária das fronteiras entre o estado racional e o estado “mórbido”, mantendo ainda assim a racionalidade, conforme prova o relato. Portanto, pode-se conceber que casos similares a esse tipo de confusão mental sejam uma possibilidade em todos nós; 3) há também a noção de que, despertando em certas horas, nós pudéssemos captar distintos dados de memórias oníricas antigas; 4) por último, também se considera a hipótese mais polêmica (fictícia?) de que poderia haver uma espécie de entrada telepática nos sonhos de outras pessoas, o que implicaria uma espécie de meio psíquico independente no qual experiências mentais teriam lugar¹⁴; ou, ainda poderíamos recorrer à hipótese de uma duplicação da personalidade.

Embora esse último caso pareça mais radical à perspectiva científica, James confessa que nunca pôde indicar a *quem* aqueles três sonhos descontínuos se referiam. Relacionando esse evento aos estados místicos de consciência, ele assim se expressa:

A confusão aflitiva da mente nesta experiência foi o exato oposto à iluminação mística, e igualmente não-mística foi a definição do que era percebido. Mas a exaltação da sensação de relação era mística (toda a perplexidade girava sobre o fato de que os três sonhos juntos pertenciam e não pertenciam – uns aos outros – do modo mais íntimo); e a sensação de que a realidade estava sendo desvelada (*uncovered*) era mística no mais alto grau. Até hoje eu sinto que estes sonhos extras foram realmente sonhados, mas quando, onde, e por quem, eu não posso saber.

2. Estados incomuns do pensamento e substâncias modificadoras da consciência

Além dos estados místicos (religiosos ou não), reminiscências em plena vigília e conteúdos oníricos como importantes tipos de EAC, podemos, por fim, fazer referência aos casos de experiências incomuns do pensamento que são estimuladas

podemos citar: Thomas de Quincey, com suas *Confissões de um Comedor de Ópio*(1822), cujo objetivo era tratar da influência da droga sobre a faculdade de sonhar, potencializando assim suas imagens; Henri Bergson, que tanto em *Matéria e Memória* (1896), como na conferência *O Sonho* (1901), concebe o estado de sonho como um desinteresse da vida consciente em relação à ação útil, abrindo espaço para conteúdos não constrangidos da memória; Sigmund Freud, na *Interpretação dos Sonhos*(1900), que interpreta o estado onírico como sendo a via régia para o inconsciente. Estes casos, dentre vários outros, se mostram relevantes para nos mostrar que aqui, mais uma vez, os EAC são pensados como possuindo um valor *noético* para o conhecimento da mente humana.

¹⁴ Já que a telepatia consiste numa espécie de “conhecimento” paranormal, como curiosidade teórica sobre os casos de cognição paranormal vale a pena recorrer ao artigo *The Relevance of Psychological Research to Philosophy* (1949) do professor de Filosofia de Cambridge C. D. Broad, disponível em: <http://www.survivalafterdeath.org.uk>. Nesse artigo, Broad discute como os casos paranormais de cognição – se considerados como uma hipótese minimamente válida – podem vir a constituir problemas para os padrões de conhecimento que servem de paradigmas epistemológicos incontestáveis do saber filosófico e científico em geral.

pelo uso de substâncias. No caso de James, que buscou uma compreensão ampla dos diferentes estados de consciência, o uso de drogas alteradoras do estado mental ordinário também tem o seu lugar no vasto leque dos EAC. Se pensarmos que as várias culturas espalhadas no mundo, separadas pelo tempo e espaço, cultivaram e utilizaram determinadas substâncias alteradoras da consciência, já podemos conjecturar que o efeito delas sobre a mente não parece ser casual, arbitrário ou meramente recreativo. Principalmente na medida em que a ingestão de psicoativos é considerada um elemento central na cultura¹⁵, como é o caso de diversos usos costumes religiosos entre os povos.

Portanto, acreditamos que possa haver também nesses estados alterados, alcançados por meio do uso de substâncias psicoativas ou anestésicas, um valor cognitivo importante. William James, por sua vez, chegou a se submeter a experiências desse tipo e relatou seu valor filosófico num texto em que descreve os efeitos do óxido nitroso (*nitrous oxide*) ou gás hilariante sobre a consciência.

Logo no início do texto, James confessa que se sentiu atraído à experiência depois que leu o opúsculo do filósofo Benjamin Blood, *The Anaesthetic Revelation and The Gist of Philosophy* (1874). Dentre outras coisas, este pequeno livro é um verdadeiro panegírico direcionado a um estado não comum da vida mental, alcançado através da inalação do óxido nitroso. Os profundos *insights* de ordem metafísica a que se tem acesso nesta alteração renderam ao seu conteúdo o epíteto de *revelação anestésica*.

Assim, Blood se refere ao estado “anormal” alcançado através dos agentes anestésico, por exemplo, da intoxicação do óxido nitroso—como uma revelação metafísica de iluminação, surpresa e desvelamento do *real*:

Por *Revelação Anestésica* quero dizer uma certa condição sobrevivente, na qual é a satisfação da filosofia uma apreciação do gênio do ser, tal apreciação não pode ser obtida por meio da condição de senso normal de sanidade[...] A sanidade não é uma qualidade da inteligência, mas é uma mera condição que é variável [...] Apenas na sanidade o pensamento é formal e contrastante; enquanto que a vida nua é percebida apenas fora da sanidade como um todo. (grifo nosso)¹⁶

Com base nessa curiosa (insana?) observação, James também buscou a alteração da mente por meio desses agentes anestésicos e parece que até mesmo a mesalina foi utilizada pelo pensador americano em sua exploração da psique humana. O interessante é que, comentando a filosofia de Hegel, James nos diz que nunca entendeu tão bem tanto a força quanto a fraqueza da filosofia hegeliana como quando se intoxicou do óxido nitroso.¹⁷ Apesar dos diferentes efeitos dentre vários indivíduos e, até mesmo, na experiência de um mesmo indivíduo em momentos distintos de sua vida, há uma semelhança geral na intoxicação. “A experiência é a sensação tremendamente excitante de uma intensa revelação metafísica”.¹⁸ Tudo se passa como se a verdade fosse revelada aos olhos com uma clareza e brilho

¹⁵Acerca da relação entre as diversas culturas e as drogas ver: MCKENNA, Terence. *O Alimento dos Deuses*. Editora Record. Rio de Janeiro: 1995.

¹⁶Blood (1874) p. 40-41.

¹⁷ JAMES (1882).

¹⁸*Ibid.*

intensos, como se houvesse uma expansão da mente de modo que ela pudesse perceber intuitivamente a totalidade das relações lógicas do ser.

Não deixa de haver uma sensação de reconciliação (*sense of reconciliation*), que alcança níveis extáticos de arrebatamento. Rompem-se as fronteiras entre o eu e o outro, o sujeito e o objeto, característica comum aos estados místicos da consciência. Desse modo, a filosofia hegeliana desponta como uma visão de mundo profundamente coerente com o real, tanto que James confessa que, durante a intoxicação, havia “a convicção que o Hegelianismo era verdadeiro por fim, e que as convicções mais profundas do meu intelecto até então estavam erradas”.¹⁹ Além do mais, cada nova experiência que surgia, cada nova sensação, ideia, memória, paixão, emaranhava-se na vasta e coerente teia lógica das relações. Havia na intoxicação uma só *verdade*:

[...] toda oposição, dentre toda e qualquer coisa, desaparece numa unidade superior na qual está ancorada; que todas as contradições, assim nomeadas, são apenas de diferenças; que todas as diferenças são de grau; que todos os graus são de um tipo comum; que a continuidade ininterrupta é da essência do ser; e que nós estamos literalmente no meio de *um infinito*. (grifo nosso)²⁰

A unidade, ou, ao menos, a convergência dos contrastes, é notável nesse estado em que o pensamento se debruça sobre a mútua implicação das partes. Até mesmo as opiniões contrárias parecem também sinônimas e qualquer diferença se evapora. É notável e talvez inexplicável a qualidade dessas experiências, mas algo faz sentido quando consideramos que uma das funções mais importantes do entendimento é diferenciar. A inteligência é irresistivelmente conduzida ao ato de separar, distinguir ou opor em meio à diversidade sensível. Basta um declínio em suas fronteiras (*a fall of the threshold*) e logo a forma da vida mental se altera significativamente. Em vez de diferenças, surgem convergências ou, até mesmo, unidade e reconciliação.

No entanto, o prolongamento da intoxicação por óxido nítrico não tardou a revelar o outro lado da moeda. Não só unidade, reconciliação, êxtase e arrebatamento emergem da região subliminal ou transmarginal da consciência. Para além do limiar da vida psicológica ordinária, oculta-se também o horror, o desamparo, a perdição, a indiferença. Logo, a unidade e a infinitude se transformam em um destino inexorável e terrível, frente ao qual qualquer esforço ou iniciativa do indivíduo desapontam numa necessidade inelutável. Tudo o que acontece é indiferente às intenções ou expectativas do sujeito da experiência. Ele se vê imerso num todo que lhe envolve nocivamente e um pessimismo fatalista surge em sua mente. É tremenda a sensação de que o que quer que se escolha é sempre uma única coisa, o que revela ao indivíduo sua impotência na fórmula “*tudo é um*”.

O sentimento de profundos *insights* reconciliadores com o real é substituído por uma intensa desorientação (*bewilderment*) e confusão da mente. É como se, de modo inquietante, o “espírito se tornasse o seu próprio objeto”.²¹ Esse estado alterado levou James à conclusão de que uma filosofia da totalidade como a hegeliana pode muito bem se mostrar destrutiva às invectivas da ação humana. Eis

¹⁹ *Ibid.*

²⁰ *Ibid.*

²¹ *Ibid.*

aí sua fraqueza, revelada de forma intensa na intoxicação. Vale a pena conferir a conclusão do texto de James na medida em que nos diz:

[...] o indiferentismo é o verdadeiro resultado de toda visão de mundo que faz do infinito e da continuidade sua essência, e que atitudes pessimistas ou otimistas se referem à mera subjetividade do momento; finalmente, que a identificação dos contraditórios, longe de ser um processo de autodesenvolvimento como Hegel supunha, é na verdade um processo de autoconsumação, indo do menos para o mais abstrato, e terminando ou numa risada ao definitivo nada, ou em um temperamento de surpresa vertiginosa frente à insignificante infinitude. (grifo nosso)²²

Emergem da região subliminal tanto a feição paradisíaca quanto a infernal; surgir dali não garante a natureza reconciliadora da experiência. Do ponto de vista filosófico, parece ser digno de reflexão que o horror suceda (ou anteceda) a reconciliação com o todo. Seriam estes sentimentos frutos da determinação de nossa individualidade, ainda mantida nesses EAC? Mas, para além do eu individual, seria razoável supor uma realidade onabrangente? Outra questão que se coloca a partir dessas experiências reside no caráter onto-epistemológico dos diferentes âmbitos da consciência. Afinal, se algumas dessas alterações qualitativas do funcionamento global da mente não comprometem a consciência e a memória, possibilitando um posterior relato articulado por parte do sujeito; se tal sujeito diz ter alcançado uma forte sensação de conhecimento ou desvelamento da realidade; se ele é capaz de pensar sobre as propriedades e relações desta experiência; perguntamo-nos, assim, por que ela não poderia ter um valor *noético*, ou seja, uma relevância não só para a ontologia (que tipo de realidade é essa?) mas, também, para a epistemologia (como alcançar, investigar e expressar tal “realidade”?) E ainda, quais são suas condições de possibilidade e seu(s) significado(s)?

Ora, talvez a Filosofia, como proposta de um saber abrangente, não deva ignorar esses EAC, seja porque há uma corrente filosófica que considera a experiência humana a partir da perspectiva da consciência, buscando atingir aquilo que é imediato à experiência consciente; seja porque esses estados alterados têm se manifestado largamente na cultura humana, chegando a ser, em vários grupos, elemento central das atividades do espírito, como a arte e a religião. Portanto, assumindo uma postura antropológica, podemos dizer que o homem é, dentre outras coisas, um ser que busca modificar sua percepção da realidade, e se essa tendência é alimentada através dos tempos (desde experiências místicas até a ingestão de substâncias psicoativas), parece ser razoável conceder-lhe um valor também para o conhecimento do *real*, pelo menos na medida em que ele aparece imediata e radicalmente à consciência.

Embora nós não possamos ainda vislumbrar tal possibilidade, seja porque a ignoramos, seja porque não vale a pena investigar essas experiências, ou, porque exigem uma mudança paradigmática em nossa concepção de consciência e do que seja um legítimo objeto de conhecimento, de valor cognitivo ou *noético*, de qualquer forma, entendemos que, de nossa parte, permanece uma desconfiança de estarmos perdendo um vasto manancial de autoconhecimento e de possibilidades teóricas em geral ao considerarmos apenas a inteligência comum e a razão como formas

²² *Ibid.*

adequadas da vida mental. Afinal, como conclui James em seu artigo *A Suggestion About Mysticism*:

A consciência já está lá, esperando para ser descoberta? É isto uma revelação verídica da realidade? [...]Mas nós sabemos tão pouco sobre o valor noético dos estados mentais anormais de qualquer tipo que em minha opinião faríamos melhor conservando a mente aberta e coletando simpaticamente fatos por um longo tempo que virá. Nós não *entenderemos* essas alterações da consciência nem nesta geração nem na próxima.²³

Assim, parece ser razoável a James que possa haver um valor cognitivo nesses EAC mesmo que ainda não saibamos tratá-los como um objeto filosófico. Porém, na medida em que a Filosofia se esforça por uma compreensão da vida psicológica como um todo, não poderia escapar ao seu interesse *especulativo* a consideração de outros modos de consciência. Eles não só podem nos apresentar novas perspectivas de explicação dos processos psicológicos, como também parecem revelar planos mais profundos do eu, nos quais todos os referenciais habituais de compreensão da mente teriam de ser revistos. Assim sendo, vale a pena conferir a afirmação exemplar de William James encontrada nas *Variedades da Experiência Religiosa*:

É que nossa consciência desperta normal, a consciência racional como lhe chamamos, não passa de um tipo especial de consciência, enquanto que em toda a sua volta, separadas pela mais fina das telas, encontram-se formas potenciais de consciência inteiramente diferentes. Podemos passar a vida inteira sem suspeitar-lhes da existência; basta, porém, que se aplique o estímulo certo para que, a um simples toque, elas ali se apresentem em sua plenitude; tipos definidos de mentalidade que têm provavelmente em algum lugar o seu campo de aplicação e adaptação. Nenhuma explicação do universo em sua totalidade poderá ser final se deixar de lado essas outras formas de consciência.²⁴

Conclusão

Chegando ao fim do nosso artigo, tememos que a pergunta sobre as consequências dos EAC para a filosofia tenha ficado sem resposta. Nesse aspecto há mais questões do que soluções a ser apresentadas. Seriam eles caminhos peculiares, perspectivas ímpares que nos fariam perceber diferentemente os próprios problemas inerentes ao conhecimento da consciência, tal como James parecia concebê-los? A questão que queremos enfatizar é se uma filosofia da consciência poderia prescindir da consideração dos EAC, na medida em que o conhecimento filosófico se pretende um conhecimento integral da realidade, nesse caso em particular, da vida mental. Ou tais EAC seriam apenas ilusões, frutos de uma mente descompensada, cujo estado patológico a racionalidade padrão teria de retificar, reorientar ou reconduzir?

Como poderemos solucionar essa questão? Afinal, para o sujeito da experiência, tais estados parecem ser uma revelação da realidade, uma nova forma

²³ *A suggestion*, p. 92.

²⁴ JAMES (1991), p. 305.

de percebê-la e concebê-la e, o que é ainda mais patente, uma nova maneira de considerarmos a própria natureza da consciência em geral. Para certas perspectivas mais racionalistas e fisicalistas, os EAC são apenas desarranjos da forma comum da consciência, eleita como o único tipo de vida mental legítima, tanto ontológica quanto epistemologicamente. Não sabemos ao certo como decidir essa questão, mas desconfiamos que, reduzir a consciência em geral e a possibilidade de seu conhecimento às determinações discursivas e intelectuais comuns parece ser uma visão unilateral. Portanto, inspirados no próprio William James, acreditamos que possa ser interessante tratar esses EAC cognitivamente e tentar extrair deles, mediante a interposição de várias impressões, elementos que possam nos auxiliar em uma compreensão mais abrangente da vida mental como um todo.

* * *

Referências

BERGSON, Henri. **Cartas a William James**. Trad. Franklin Leopoldo e Silva. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os Pensadores).

BLOOD, Benjamin. **The anaesthetic revelation and the gist of philosophy**. Amsterdam; New York, 1784. Disponível em: <archive.org/details/anstheticrevela00bloogoo>. Acesso em: 05 jun. 2009.

JAMES, William. **As variedades da experiência religiosa**: um estudo sobre a natureza humana. São Paulo: Cultrix, 1991.

_____. A suggestion about mysticism. In: **The Journal of Philosophy, Psychology and Scientific Methods**, v. 7, n. 4, p. 85-92, Fev. 1910.

_____. Subjective effects of nitrous oxide. In: **Mind** 7. TART, Charles. **Altered States of Consciousness**. New York : E. P. Dutton & Co., Inc., 1975.